

Manuel Farinha dos Santos e a Direcção dos Departamentos de *História* e de *Ciências Humanas* da UAL (1991-1995)

Armando Luís de Carvalho Homem

Quando em 1989 comecei a prestar serviço no então Departamento de *História* da UAL, Manuel Farinha dos Santos (MFS) era para mim um nome de referência da *Arqueologia pré-histórica*¹ e um mero conhecimento *de vista*². Mas o estreitar das nossas relações em breve iria alterar o panorama descrito. Ainda que não longas, conversas havidas logo no ano de 1990 me foram mostrando a grande quantidade de Amigos comuns: até porque MFS, licenciado em *Histórico-Filosóficas* pela FL/UL (1958) e pouco depois assistente da sua ALMA MATER³, com uma actividade intelectual centrada, essencial embora não exclusivamente, na *Arqueologia Pré-Histórica*, conhecia numerosos Mestres portuenses, bem como outras figuras ligadas à vida cultural da *Invicta*: José António Ferreira de Almeida (1913-1981), seu Mestre na FL/UL, cujas rica preparação e qualidades de expositor sempre admirou; Luís de Pina (1901-1972), mestre de Medicina, antigo Presidente da Edilidade e vulto marcante na emergência da actual FL/UP, onde, de 1962 a 1965, ensinou *Psicologia* e exerceu as funções de delegado do Reitor⁴; António Cruz (1911-1989), seu confrade na Academia Portuguesa da História (APH), com quem privara pelo menos desde os Colóquios Portuenses de Arqueologia, realizados nos anos 60 pelo *Centro*

¹ Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996) citara-me abundantemente trabalhos seus nas cadeiras de *Pré-História* (1968/69) e de *Arqueologia* (1971/72).

² Por ocasião do 3.º Congresso Nacional de *Arqueologia* (Porto, Fac. Letras, Nov. 1973).

³ Até 1968.

⁴ Que era o lente de *Engenharia Electrotécnica* Manuel Corrêa de Barros Jr. (1904-1991, Reitor 1961-1969). Luis de Pina foi assim, de facto e officiosamente, o primeiro Director da FL/UP.

de *Estudos Humanísticos*⁵; Bernardo Xavier Coutinho (1909-1987), também seu confrade e companheiro de lides portuenses; Luís de Oliveira Ramos, seu aluno na FL/UL, pontualmente Colega na mesma Escola e confrade académico; Humberto Baquero Moreno, também antigo aluno e confrade; Carlos Alberto Ferreira de Almeida, já mencionado⁶, com quem partilhava tanto os interesses intelectuais como o *Amor à Vida*; Vítor e Susana Oliveira Jorge, igualmente seus alunos na FL/UL, cuja acção por novos caminhos de uma *Pré-História* do território português sempre admirou, ainda que – quanto mais não fosse por geração e formação – com eles nem sempre se sintonizasse⁷; Armando Coelho Ferreira da Silva, a quem o ligava o comum entusiasmo pelos *castros* do nosso Noroeste (mesmo que matéria não objecto de estudo seu «ex professor»); e mais uns tantos que ainda poderia mencionar.

Uma relação de grande cordialidade cedo se estabeleceu entre nós. Um qualquer encontro – v.g. uma reunião do Conselho Escolar do Departamento – podia dar azo a *dois dedos de conversa*, em torno de referenciais comuns; referenciais e não só: Homem de grande cabedal de leituras e interesses, MFS falava e gostava de ouvir falar sobre questões bem para além das suas temáticas investigativas directas: a História da Historiografia ou do Ensino Superior no Portugal do século XX, por exemplo, eram questões que profundamente o notivavam; e também aí, e nos mais diversos lugares ou instituições, conhecia, conhecera ou guardava memória de figuras-chave.

MFS conservava ainda muita da robustez física que sempre fora sua imagem de marca. E nele se continuavam a aliar, harmonicamente, a *bonomia* própria de quem já não estava longe do «limite de idade» da Função Pública e a *autoridade e temperamento* bem evidentes a quantos o tivessem conhecido em anteriores contextos profissionais (FL/UL, Panteão Nacional, tempos da Universidade Livre...).

⁵ Instituição criada em 1947, na confluência da UP, da Câmara Municipal do Porto e do Instituto de Alta Cultura. Ministrava Ensino Superior livre e concedia apoios à investigação científica. Os lentes de Medicina Amândio Tavares (1900-1974, Reitor da UP, 1946-1961), o já referido Luís de Pina e Fernando Magano (Vice-Reitor da UP durante o mandato de Amândio Tavares) foram algumas das figuras determinantes no seu arranque. Com a criação da actual FL/UP, o CEH passou a estar anexo à nova Escola (até 1974).

⁶ V. supra, n. 1.

⁷ MFS foi, ca. 1992, um dos proponentes do ingresso de Vítor Oliveira Jorge na Academia Portuguesa da História.

Chegou o ano de 1991. As eleições departamentais a ter lugar em Julho vieram a criar-me uma situação inimaginável no dealbar do ano: a insistência de diversos Colegas, a partir de finais de Abril / princípios de Maio, no sentido de aceitar candidatar-me à Direcção do Departamento de *História*. Situação inesperada – sempre me concentrara na pesquisa e na docência, com raras passagens por órgãos de gestão na minha Escola de origem – e necessariamente recebida com hesitação e reserva. A simpatia patenteada e os prometidos – e depois nunca regateados – apoios de *tanta e tão boa gente* com quem contactei ao longo dos meses de Maio e Junho acabaram por me fazer decidir pela positiva. E assim nasceu uma lista candidata, segundo a modalidade – estatutariamente prevista – de uma *Comissão Directiva* do Departamento, composta por mim próprio como candidato a *Director*, por MFS como candidato a *Vogal* e por Fernando Carlos Rodrigues Martins (FM) como candidato a *Secretário*. Bem longe estava eu de supor que isto iria ser o início de um período de 8 anos (4 mandatos) de Direcção departamental na UAL, metade dos quais com MFS como directo colaborador. Mas não nos antecipemos.

As eleições de 1991 tiveram lugar nos dias finais de Julho; para além da verificação de uma participação elevada dos eleitores, para pouco mais houve então tempo: vinham aí Agosto... e as férias. Portanto, o trabalho da equipa recém-eleita acabou por ter verdadeiro arranque em Setembro. E algo ficou desde logo patente – e os 4 anos subsequentes se encarregariam de o confirmar: MFS era Alguém **Amigo-do-seu-Amigo** e de uma insuperável *lealdade e solidariedade* face a quem passara a constituir um «superior hierárquico» – aliás, fez sempre questão de me tratar por «Senhor Director», «Meu Director», por mais que eu insistisse no sentido de tratamento menos formal. Mas a sua idiossincrasia assim o ditava...

1991/92 e 1992/93 não foram propriamente anos lectivos fáceis. Logo em Set.91 se viu a equipa recém-eleita confrontada com a saída em *Diário da República* da nova estrutura curricular da licenciatura em *História*, preparada pela equipa precedente⁸. Não foi questão com dificuldades de maior: as alterações essenciais estavam na criação do *Ramo Educacional*, na introdução

⁸ Director: Joaquim Correia; Secretário: Miguel Faria.

de uma ou outra novas disciplinas⁹, nalgumas mexidas nas *Opções* e em alterações pontuais de localização de cadeiras nos quatro anos curriculares.

Mais complexo, nesse tardo-Verão de 1991, foi o vermo-nos confrontados com a decisão da Reitoria de transferir alguns cursos para o então adquirido – e em vias de adaptação – edifício de Campo de Ourique (na Rua Particular à Rua Saraiva de Carvalho). Explicar aos Colegas a situação de «facto consumado» que nos fora colocada e depois preparar a transferência do arquivo e pastas de expediente do Departamento... nada disso foi *leve*. Mas, aos poucos, uma sensação de *casa-nova / fase-nova* se foi consolidando entre o Corpo Docente; e quando finalmente, terminadas as obras, se pôde iniciar a actividade lectiva (em 1991/11/11) pode dizer-se que se sentia mesmo algum entusiasmo pelo voltar ao trabalho, agora naquele novo enquadramento¹⁰.

Mas 1991/92 seria muito mais do que isso, afectada que foi a Instituição pelos litígios que, a partir nomeadamente de Fev./Mar.92, marcaram o funcionamento dos Órgãos Centrais da UAL¹¹, e que só se resolveriam em Out. seguinte (com alguns *post-scripta* no Dep. de *História* até Jan./Fev.93). Sempre estive convencido de que o termos ido para Campo de Ourique fora providencial: estávamos longe do *epicentro* das questões, a *Casa-Mãe* de Santa Marta; aulas e exames em nada foram afectados; e, para além disso, uma equilibrada distribuição de tarefas se delineou no seio da equipa directiva: concentrado eu em Campo de Ourique e na burocracia quotidiana do Departamento, a **MFS** ia cabendo o essencial dos contactos com a Reitoria e a **FM** a articulação com a CEU. Assim conseguimos *fazer navegar* uma área departamental onde os problemas seriam assaz sensíveis, mercê de um elevado número de docentes-cooperadores e fundadores da Universidade. Aquela estratégia do «institucionalmente correcto» pode dizer-se que resultou...

Resolvida legalmente a questão em Out.92 – com a entrada em vigor de novos *Estatutos* da UAL e as eleições de que resultaria a constituição da equipa reitoral Justino Mendes de Almeida (R.)¹² / Albano Pereira Júnior e Luís Moita

⁹ V. g. *Teoria da História e do Conhecimento Histórico e História da Cultura Portuguesa*; como pertenciam ao 4.º ano, só iriam funcionar a partir de 1994/95.

¹⁰ Ainda que o edifício, por si e pelas imediações, estivesse longe das condições ideais: a presença próxima, nomeadamente, de duas torrefacções de café era circunstância assaz poluente...

¹¹ Não é o lugar nem o momento para sobre tal escrever; nem possuirei eu a *pena* mais apropriada para o feito.

¹² Fora já Reitor (1986/87) e depois Vice-Reitor (1987/92).

(VV.-RR.) –, havia desde logo que preparar o novo ano, que estava à porta. O que também não foi tarefa de pequena monta: os novos *Estatutos* previam a elaboração de um *Regulamento de Estrutura e Funcionamento* para os Departamentos; havia que mexer de novo no *Regulamento (Interno) de Avaliação de Conhecimentos*¹³; finalmente, FM abandonava o lugar de *Secretário*, passando a *Chefe do Gabinete da Reitoria*; pelos novos *Estatutos*, os *Secretários* de Departamento deixavam de ser eleitos: seriam doravante nomeados pelos *Directores*, «ouvido o Conselho Escolar» respectivo¹⁴. Após longos estudos prévios sobre os novos *Regulamentos* e muitas trocas de impressões, os projectos para os referidos diplomas foram aprovados – com alterações na especialidade – em Conselho Escolar reunido em 17 de Dezembro de 1992; na mesma reunião, o Conselho pronunciou-se no sentido de «nada ter a opor» à nomeação do novo *Secretário*, proposto por MFS e por mim próprio: o Mestre Francisco Manuel Almeida Correia Teixeira (FT)¹⁵.

O resto do ano escolar de 1992/93, mormente a partir de Março, pode dizer-se que decorreu – finalmente ! – com estabilidade. Apenas começou a ser patente que o número de alunos estava num início de decréscimo, o que em Maio levou os Órgãos Superiores da Casa a determinar uma diminuição, para o ano lectivo subsequente, do número de *Opções* e *Seminários* em funcionamento na licenciatura em *História*¹⁶.

1993/94 seria marcado por eleições, traduzidas na recondução da equipa, mas com novidades de enquadramento. Algumas áreas científicas iam agora conhecer agrupamentos mais vastos, criando-se novos Departamentos, como o de *Ciências Humanas [DCH]* (incluindo *História*, *Sociologia* e *Ciências da Comunicação*) e o de *Ciências Económicas e Empresariais* (compreendendo *Economia* e *Gestão*). Cada Departamento continuaria a ter um *Director*, coadjuvado, em cada uma das áreas, por um *Subdirector* e um *Secretário*.

¹³ O anterior, aprovado no Outono de 1991, consagrara algumas situações derivadas de um efémero *Regulamento* geral sobre a matéria; e a simples prática de 1 ano lectivo logo mostrara o seu desajustamento.

¹⁴ Também o cargo exercido por MFS sofria alteração, neste caso terminológica: passava a designar-se *Subdirector*.

¹⁵ Exerceria funções até 1995; é actualmente assistente da U. Algarve, para onde se transferiu em 2000.

¹⁶ Esta medida acabou por só se concretizar em 1994/95, quando já funcionávamos no edifício da Boavista: de 9 *Seminários* passou-se para 4; de 5 *Opções* passou-se para 3; ocasionalmente, em tempos subsequentes puderam funcionar 5 *Seminários* e 4 *Opções*.

É evidente que este novo *Departamento de Ciências Humanas* acabou por ser sempre uma estrutura incompleta. Na prática, cada área continuava a deter toda a sua autonomia, só se esboçando um funcionamento departamental integrado quando se tratou de discutir a organização de um mestrado comum¹⁷. E é claro que a lógica deste Departamento pressupunha a concentração das suas 3 áreas no mesmo edifício, na circunstância o da Boavista: o que viria a concretizar-se em 1994/95.

Mas não nos antecipemos. As eleições de Novembro de 1993 e ulteriores nomeações dos *Secretários* ditaram o preenchimento dos cargos pelas seguintes individualidades:

- **Director do DCH:** O autor destas linhas;
- **Subdirector do DCH para a Direcção da área de *História*:** MFS;
- **Subdirector do DCH para a Direcção da área de *Sociologia*:** Policarpo dos Santos Lopes;
- **Subdirector do DCH para a Direcção da área de *Ciências da Comunicação*:** António de Lencastre Bernardo;
- **Secretário do Curso de *História*:** FT;
- **Secretário do Curso de *Sociologia*:** Paulo Machado;
- **Secretário do Curso de *Ciências da Comunicação*:** Carlos Ricardo.

O resto do ano lectivo decorreu calmamente; e ainda houve tempo para preparar a revisão curricular que se materializaria 1 ano mais tarde, alterando desde já o estatuto do *Ramo Educacional* no quadro curricular (do *modelo integrado* para o *modelo sequencial*).

1994/95 – ano da esperada transferência para a Boavista – acabou por ser um dos melhores momentos que até hoje vivi na UAL¹⁸. A concentração das áreas departamentais, o bom relacionamento dos membros do elenco atrás

¹⁷ Projectos não faltaram; mas nenhum, infelizmente, veio a ter concretização.

¹⁸ Embora um facto desse, já na altura, que pensar: a turma diurna do 1.º ano de *História* contou apenas com 32 inscritos...

referido, a vontade de inovação¹⁹, a sensação latente de que os cursos ali funcionantes – que compreendiam ainda as *Relações Internacionais* –, estavam a impor-se pela sua qualidade e que a UAL estava, em certas áreas científicas, a constituir-se *nicho de excelência* no Ensino Superior Privado e Cooperativo²⁰...

O ano em causa assistiu ainda aos seguintes factos dignos de registo:

- O primeiro foi a *reestruturação curricular*. Consagrando o modelo sequencial para o *Ramo Educacional*, vinha também dar resposta a solicitações várias no sentido da diminuição da carga horária (efectivamente pesada, particularmente no 2.º e no 3.º anos), reduzindo-a em diversas disciplinas (de 4 para 3 ou 2 h. / semana), ao mesmo tempo que se acertavam terminologias, se retocava o elenco das *Opções* e dos *Seminários*, etc.
- Em 8 de Fevereiro de 1995 tivemos a alegria de lançar, no pátio seiscentista do edifício-sede, o 1.º número dos *Anais* da UAL / série *História*, volume dedicado à memória de Luís de Albuquerque († 1992); no acto usaram da palavra o Magn.º Reitor, o Presidente da CEU, eu próprio e o Prof. Joaquim Veríssimo Serrão, na dupla qualidade de decano dos doutores em *História* das Universidades portuguesas e de Presidente da Academia Portuguesa da História (logo, confrade de vários professores da UAL, um dos quais MFS).

* * *

MFS já não foi candidato às eleições de Jul.95²¹. Reconcentrou-se então na docência e na Direcção do *Centro de Estudos de Arqueologia*. Sempre assíduo às reuniões dos órgãos académicos em que tinha assento, sempre assíduo ouvinte

¹⁹ A isso correspondeu a intensificação dos *Ciclos de Conferências* que, em *História*, remontavam já a 1989/90, no mandato de Joaquim Correia. A partir de 1994/95 MFS passou a organizar um Ciclo específico do *Centro de Estudos de Arqueologia*, que fundara pouco depois da criação da UAL.

²⁰ Veja-se, como indicador, o montante da aquisição do grau de *mestre* por docentes de *História*: do titular isolado que havia ao entrar o ano de 1991, passou-se para 16 ca. 1998.

²¹ Continuando eu em funções (fui ainda candidato nas eleições desse ano e nas de Jul.97), entendi por bem louvar publicamente o desempenho de MFS naqueles 2 mandatos. O que mais não era que um acto de elementar manifestação de gratidão – e em tantas instâncias os louvores em termo de funções quase se banalizaram – acabou por deixá-lo profundamente sensibilizado.

de conferencistas e palestrantes que nos mencionados *Ciclos* intervieram, ainda teve forças para intervir na querela suscitada pelo projecto da barragem do Côa e pelo eventual destino das gravuras rupestres; e escusado será dizer que muito se alegrou com a solução a que se chegou pelo Outono de 1995.

Para além disto, a progressão académica dos mais novos – independentemente da área científica – sempre o interessou; o mestrado de Graciana Marques (UNL, 1994) e os doutoramentos de Adolfo Silveira Martins (Sevilha, 1998) e de José M. Rolão (Salamanca, 2000) tornaram-no particularmente feliz.

Em Junho de 1998 foi homenageado pela Reitoria e pela Direcção da CEU no auditório da Boavista: passavam 40 anos da publicação do seu primeiro trabalho arqueológico.

Só que nem tudo era felicidade e congratulação: em meados de 2000 a morte de seu Filho constituiu um golpe severo.

Ainda viveu para ser co-proponente²² da minha entrada, como correspondente, na Academia Portuguesa da História e ver-me eleito (2000).

Mas em finais do ano em causa o seu estado físico degradou-se, levando à suspensão da actividade docente e ao confinamento na residência. Já não pôde assim assistir à minha primeira comunicação na Academia²³; pôde no entanto, com sua Mulher, a inesquecível Sr.^a D. Esmeralda, receber-me, também conjugalmente acompanhado, em sua Casa e, à volta da mesa de um lanche, conversar sobre coisas recentes e evocar outras mais distantes (a sua capacidade de rememoração permanecia notavelmente intacta). As fotos desse dia mostram-no enfraquecido, sem dúvida, mas com uma expressão de sorriso doce e afável; a expressão de Alguém, por certo, em Paz: com os outros e consigo próprio. Assim o recordarei.

Lisboa, 3 de Outubro de 2004

²² Foram também signatários da proposta Justino Mendes de Almeida e Henrique Pinto Rema OFM.

²³ Em 21 de Junho de 2001, a cerca de 3 meses do seu desaparecimento.



1. Com ALCH no “Dia da Universidade” (1993/12/18)



2. Subdirector do Departamento de *Ciências Humanas* (UAL/Boavista, Dez. 94)



3. Com Maria Graciana D. Marques num jantar de confraternização do 1º ano de *História* (1985)



3. Viagem de estudo a Espanha (Mérida) e a França (Paris) [1985].